

A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA SOBRE INDUMENTÁRIA DO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO MARANHÃO: UM ESTUDO INTERDISCURSIVO

¹Cláuberson Correa Carvalho, ²Tereza Cristina Mena Barreto Azevedo

¹Estudante de Letras/CECEN da Universidade Estadual do Maranhão, ² Professora Doutoranda do Departamento de Letras/CECEN da Universidade Estadual do Maranhão

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de identificar e analisar as marcas da interdiscursividade na documentação museológica sobre indumentária do Museu Histórico e Artístico do Maranhão. A base teórica adotada é tributária dos postulados da Análise do Discurso de vertente francesa. A

contribuição desta pesquisa está no funcionamento do gênero museológico, especificamente as fichas topográficas da categoria indumentária. A partir da análise do *corpus*, verificou-se o diálogo entre o discurso desse gênero e os discursos religioso e museológico.

Palavras-chave: documentação museológica, interdiscursividade, linguagem, museu.

THE MUSEUM DOCUMENTATION ABOUT DRESSING OF MUSEUM HISTORY
AND ARTISTIC OF MARANHÃO: AN INTERDISCURSIVE STUDY

ABSTRACT

This study has the objective of identifying and analyzing the marks of the interdiscursivity in the museum documentation about dressing of Museum History and Artistic of Maranhão. The theoretical basis is dependent on the postulates of the

French Discourse Analysis. The contribution of this research is the operation of the museum genre, specifically the topographic sheets about dressing. From the analysis of the *corpus*, there was dialogue between the discourse of that genre and religious discourses and museum.

INTRODUÇÃO

As marcas deixadas por autores, propositalmente ou não, representam um rico campo de estudo para aqueles que se dedicam à investigação de enunciados, textos ou discursos. Esses elementos constituem os diferentes gêneros discursivos. Estes, vistos a partir da prática discursiva, requerem habilidades específicas para a sua compreensão e, conseqüentemente, produção de sentido.

Este artigo insere-se na área de investigação da Linguística, afastando-se, porém, dos princípios de uma linguística puramente formal e estruturalista. Privilegia-se, então, o estudo da língua em uso, não só a forma, mas a função e, principalmente, o sentido. O percurso estrutural dos aspectos relativos à língua foi substituído pelos desafios da descrição dos processos interativos entre linguagem e sociedade, isto é, a língua em um contexto real.

Dessa forma, a Análise do Discurso de vertente francesa contribui significativamente para o desenvolvimento desta pesquisa, na medida em que investiga as marcas, os resquícios, o não-dito, presentes em uma superfície discursiva. Essa linha da Análise do Discurso parte da ideia de

que o estudo da significação é fundamental e supõe a intervenção de conceitos que fazem parte da reflexão sobre as formações sociais: discurso, interdiscurso e formação discursiva, por exemplo.

Esses estudos teóricos são levantados com o objetivo de identificar e analisar as marcas da interdiscursividade na documentação museológica sobre indumentária do Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM). Em outras palavras, verificar como o discurso da documentação museológica sobre o acervo de indumentária ecoa, reflete, sinaliza o discurso de outros documentos do universo museológico e, sobretudo, os discursos extrínsecos e implícitos com os quais a referida documentação mantém diálogo.

O DISCURSO ENQUANTO

OBJETO DE ESTUDO

Para a Análise do Discurso, enquanto campo de investigação, o próprio nome já faz referência ao seu objeto de estudo: o discurso. Na tentativa de identificar o caráter complexo desse termo, deve-se, primeiramente, afastar as acepções advindas do senso comum, que vê o discurso como um pronunciamento

marcado pela eloquência ou textos cujas construções se utilizam de recursos estilísticos mais rebuscados. O discurso, na perspectiva científica a que se propõe este artigo, é respaldado em concepções teóricas ligadas a métodos de análise.

O discurso, como objeto da Análise do Discurso, implica uma exterioridade à língua, isto é, não é a língua, nem o texto, nem a fala; necessita, porém, de um material linguístico para proceder a sua existência em uma superfície discursiva. O discurso envolve aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando são pronunciadas ou escritas (FERNANDES, 2008, p. 13).

Em se tratando de discurso, levam-se em consideração elementos que têm existência no social. Com isso, os discursos não são fixos, estão sempre em processo de (re)construção, visto que acompanham as transformações sociais e políticas integrantes da vida humana. Orlandi (2009, p. 60) argumenta que o discurso não pode ser definido como um transmissor de informação, “mas como um efeito de sentido”, uma vez que o discurso “não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico”.

Analisar o discurso implica interpretar o sujeito falando, observando a produção de sentido como parte integrante de suas atividades no meio social em que vive. Entende-se por produção de sentido as relações de significação que uma palavra tem em conformidade com o lugar socioideológico dos sujeitos em interlocução.

Como o discurso encontra-se na exterioridade à língua, no seio da vida social, é necessário romper as estruturas linguísticas para chegar a ele. Precisa-se sair da investigação puramente linguística, dirigindo-se a outros espaços, na tentativa de descobrir o que está entre a língua e a fala, ou seja, investigar de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso.

No objetivo de identificar a presença de discursos em outros discursos da documentação museológica (nos modos de dizer, de elaborar textos, nas formas de interação), é interessante entender o discurso enquanto objeto de análise do método arqueológico de Foucault (2010). Para o filósofo francês, o discurso é visto como uma dispersão, sendo formado por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Esses elementos são os

enunciados, isto é, o enunciado é a unidade elementar do discurso.

Para Foucault (2010, p. 122), a análise de uma formação discursiva consistirá na identificação dos enunciados que a estruturam. O enunciado, na visão foucaultiana:

[...] não é, pois, uma unidade elementar que viria somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica. Não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação. Descrever um enunciado não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos [...] uma existência específica (FOUCAULT, 2010, p. 123).

O discurso, por sua vez, é concebido como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. Segundo Foucault (2010, p. 132-133), o discurso representa:

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar [...] na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

Já Maingueneau (2008a, p. 15) define o discurso como “uma dispersão

de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. O discurso é considerado como um objeto histórico e linguístico, não podendo desvincular o contexto de produção à formação discursiva. Isso porque os discursos refletem as características históricas da sociedade onde circulam: valores, convicções, crenças e conflitos. Como objeto de estudo, trata-se da atividade verbal em contexto que se manifesta sob a forma de unidades transfráticas, considerando a linguagem na sua relação com a sociedade.

O discurso, nessa perspectiva, é considerado nas relações de um interdiscurso: o discurso só assume a sua postura significativa em relação com os outros discursos com os quais matem um diálogo em uma mesma formação discursiva (MAINGUENEAU, 2008b, p. 56).

A INTERDISCURSIVIDADE

Sempre em um processo de interação, a identidade de um discurso apresenta uma característica que lhe é inerente: a heterogeneidade. Esta corresponde à propriedade do discurso em estabelecer as diferentes vozes constitutivas de seu campo de

significação. O discurso pode mostrar essa heterogeneidade através de marcas explícitas – heterogeneidade mostrada – ou através de estratégias discursivas, em que o discurso do outro não é demarcado – heterogeneidade constitutiva (FERNANDES, 2008, p. 29).

O caráter dialógico do discurso não permite que se despreze a relação do discurso com seu Outro, já que todo discurso mantém uma relação (conflituosa, polêmica, de rejeição, aceitação etc.) com um exterior constitutivo, o já-dito. Segundo Fiorin (2002, p. 45), “A palavra do outro é condição de constituição de qualquer discurso”.

Sobral (2009, p. 101) ratifica a ideia de que o discurso só passa a existir fundamentalmente mediante um processo de produção de sentidos realizado por, para e entre discursos. Os enunciados de um discurso apreendidos em uma materialidade linguística explicitam que o discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, historicamente marcados, que se transformam e reinventam-se. Ainda segundo o autor:

Discurso é uma unidade de produção de sentido que é parte das práticas simbólicas de sujeitos

concretos e articulada dialogicamente às suas condições de produção, bem como vinculada constitutivamente com outros discursos. Mobilizando as formas da língua e as formas típicas de enunciados em suas condições sócio-históricas de produção, o discurso constitui seus sujeitos e inscreve em sua superfície sua própria existência e legitimidade social e histórica (SOBRAL, 2009, p. 101).

Denomina-se, portanto, esse entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diversos momentos na história e de diferentes lugares sociais, presentes em uma mesma formação discursiva de *interdiscursividade*.

O discurso, então, nunca é autônomo, ele está sempre em contato, mesmo que de forma implícita, com outros discursos pertencentes ou não a uma mesma formação discursiva. Cabe ao analista do discurso identificá-los para realizar as possibilidades de trocas semânticas entre esses discursos, sempre em um processo de identidade aberta.

A partir dessas considerações teóricas, conclui-se que a interdiscursividade corresponde a um sistema semântico no qual as relações de significação que circunscrevem a especificidade de um discurso coincidem com a definição das relações desse discurso com o seu Outro. Este “Outro” representa o discurso pelo qual

um certo discurso se constitui, sendo numa interação de aliança ou enfrentamento. Isso equivale a afirmar que a identidade de um discurso não se restringe a uma estrutura fechada, mas a uma relação aberta, contudo regrada (MAINGUENEAU, 2008a, p. 35-36).

O GÊNERO MUSEOLÓGICO

Entende-se por documentação museológica o conjunto de informações sobre cada item dos acervos museológicos e a representação destes por meio da palavra e da imagem. Além disso, esse gênero discursivo implica em um sistema de recuperação informacional capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento.

Nessa perspectiva, o museu, enquanto meio de informação, tem a responsabilidade de disponibilizar meios de transmissão da informação, portanto, cabe a ele gerir sistemas capazes de possibilitar a comunicação dos dados oriundos dos objetos de suas coleções. Estes dados devem receber tratamento personalizado para que, dentro de um fluxo informacional, tornem-se instrumentos para a geração de conhecimento. Em outras palavras,

os museus estão voltados, basicamente, para a preservação, pesquisa e comunicação das evidências materiais do homem e do seu ambiente, isto é, seu patrimônio cultural e natural.

Com relação aos produtos documentários resultantes da atividade de documentação em museus, destacam-se: livro de tombo, inventário, catálogo, ficha classificatória, índice, etiqueta. As fichas documentais, por sua vez, podem ser classificadas em: fichário topográfico (texto que localiza o objeto dentro do espaço museológico); fichário por categoria (texto que identifica a que categoria o objeto pertence); fichário por coleção (texto que identifica o objeto por colecionador); contrato de comodato (texto pelo qual se realiza um acordo entre instituições); termos de responsabilidade para empréstimo de peças (texto que se constitui um documento em que se declara haver recebido um objeto museológico, e por meio do qual se assume o compromisso de zelar pela integridade física desse objeto); termo de devolução (texto pelo qual se devolve um objeto museológico à instituição de origem ou ao proprietário); ficha de doador (texto pelo qual alguém doa um objeto museológico), fichas de restauro,

minutas de etiquetas, ofícios entre outros.

Os *corpora* desta pesquisa são as fichas topográficas sobre indumentária. Elas situam o objeto/documento no universo

museológico a partir da descrição técnica, menção ao estado de conservação e especificação de um número de registro único, ímpar. Registra-se a seguir o gênero ficha topográfica.

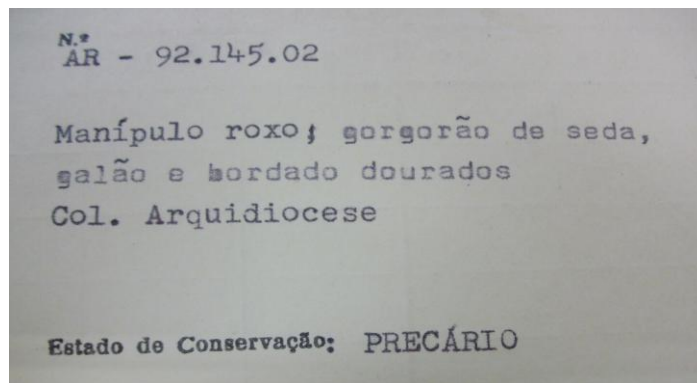


Figura 1: Anverso de ficha topográfica
Fonte: Museu Histórico e Artístico do Maranhão

As marcas textuais contidas nessas fichas de documentação museológica são portadoras de informações intrínsecas e extrínsecas. As intrínsecas são deduzidas do próprio objeto, através da análise das suas propriedades físicas: composição material, construção técnica e morfologia, que se subdivide em forma espacial, dimensões, estrutura da superfície, cor, imagens e texto, caso este exista.

Já as informações extrínsecas ou informações documental e contextual são aquelas obtidas de outras fontes, isto é, informações de que o objeto-documento não dispõe (MENSCH,

1987 *apud* FERREZ, 1991, p. 2). Elas permitem conhecer os contextos nos quais os objetos existiram, funcionaram e adquiriram significado. São geralmente oferecidas quando da entrada desses objetos no museu a partir das fontes bibliográficas registradas em fichas documentais. Significado da função, significado expressivo e significado simbólico constituem exemplos de informações extrínsecas. É nesse momento de investigação que o discurso da documentação ecoa outros discursos anteriores e posteriores a ele, caracterizando as construções interdiscursivas.

Os sistemas de documentação museológica têm o objetivo de identificar, de forma precisa, as informações referentes a cada objeto do museu. A entrada de dados nesse sistema não se esgota com o término do processo de registro e catalogação do objeto recém-adquirido. Ao entrar para o contexto museológico, o objeto continua a ter vida: muda de localização, participa de exposições, é restaurado. Isso significa que os sistemas de documentação museológica precisam, permanentemente, ser atualizados e/ou retificados. Com a documentação do MHAM, observa-se que muitas fichas são retificadas quanto ao estado de conservação do objeto.

Para o registro claro e exato de informações, é necessária uma equipe de especialistas. A identificação das informações intrínsecas – gravuras, ícones, técnicas, materiais – exige do profissional um conhecimento prévio. Além disso, é preciso, ainda, identificar as informações extrínsecas que, muitas vezes, são mais importantes que as intrínsecas, na medida em que contextualizam os objetos e reconstituem sua história.

A documentação museológica, então, corresponde a mais do que um conjunto de informações sobre cada item da coleção de um museu, significa

também um sistema composto de partes inter-relacionadas que formam um todo coerente, unitário, que relaciona as fontes de informação com os usuários e se estrutura em função do objetivo de atender às necessidades de informação da instituição.

A INTERDISCURSIVIDADE NAS FICHAS TOPOGRÁFICAS SOBRE INDUMENTÁRIA

O museólogo, ao produzir a ficha topográfica, identifica descritivamente cada objeto do espaço museológico. O discurso das fichas coletadas possui um vocabulário específico e técnico no objetivo de precisar o objeto museológico em sua estrutura física e composição material.

Na identificação da mensagem das fichas topográficas, o alocutário necessita de um conhecimento prévio sobre alguns vocábulos relativos à categoria sobre indumentária: manípulo, estola, sobrepeliz, entre outros. Segundo Orlandi (2008, p. 94), o interdiscurso, representado pela memória discursiva do leitor, dá um estatuto preciso à relação desse leitor com o discurso com o qual estabelece contato, já que a relação do sujeito com a sua memória discursiva se materializa no momento

de interpretação e identificação da mensagem.

É nesse momento que o discurso da ficha topográfica requer do leitor a revivescência de uma série de outros discursos. A interdiscursividade, portanto, identifica-se como interação com um dado discurso condicionado à memória discursiva do leitor que, neste caso, necessita do reconhecimento de um vocabulário específico para a

identificação do contexto global da ficha. Registram-se abaixo algumas peças do acervo de indumentária com suas respectivas funções e sentidos durante as atividades litúrgicas.

O vocábulo *estola* aparece em inúmeras fichas topográficas da categoria sobre indumentária. As cores mais registradas são vermelho, amarelo, marrom, branco e dourado, conforme a Fig. 2.

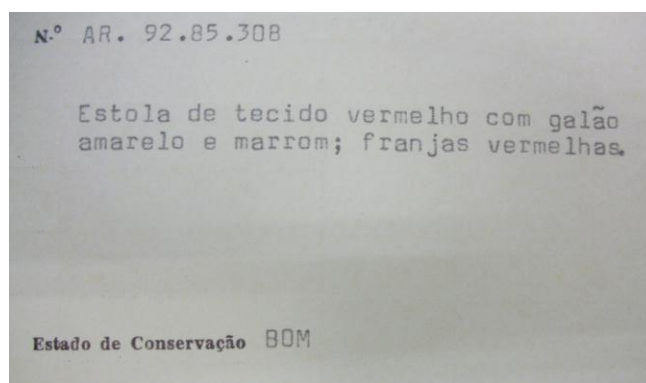


Figura 2: Ficha topográfica de nº AR. 92.85.308
Fonte: Museu Histórico e Artístico do Maranhão

Para compreender a descrição feita pelo museólogo e, conseqüentemente, identificar a relação de interdiscursividade, é necessário que o leitor conheça o significado de *estola*. Esta corresponde a uma faixa de tecido ou lenço luxuoso, muitas vezes de lã ou de seda, que os padres usam em torno do pescoço, descendo até os joelhos. São de cores variadas, para serem usadas conforme a celebração e o tempo

litúrgicos. É colocada pelo diácono no ombro esquerdo, como faixa transversal, e pendente sobre os ombros pelos presbíteros e bispos.

Conforme orienta Ferrez (1991, p. 2), um objeto museológico possui informações extrínsecas que possibilitam conhecer os contextos nos quais existiu e adquiriu significado. Nesse sentido, a estola simboliza o poder sacerdotal e a imortalidade ou

glória eterna que o sacerdote pede ao revestir-se dela.

Outra peça é a *casula*: veste litúrgica confeccionada geralmente em seda, damasco ou tecido em paramentos dos séculos XVII e/ou XVIII.

Correspondia a um grande manto que cobria todo o corpo do sacerdote em relação ao mundo. Ao longo do tempo, o comprimento do manto foi diminuindo por razões práticas – era bastante difícil de o sacerdote movimentar-se com ele.

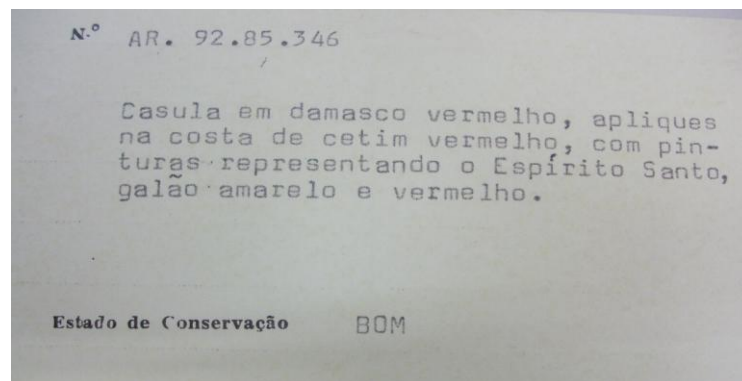


Figura 3: Ficha topográfica de nº AR. 92.85.346
Fonte: Museu Histórico e Artístico do Maranhão

A cor da casula varia de acordo com a cor da Missa celebrada. Existe uma grande cruz nas costas desse paramento simbolizando o jugo suave da lei de Cristo que o sacerdote deve carregar e ensinar aos demais. É usada também com uma faixa branca na cintura com o símbolo do Vaticano bordado.

Dessa forma, o discurso da ficha topográfica mantém um diálogo implícito com o discurso dos sentidos que esse objeto detém em seu contexto de uso, ratificando a interdiscursividade inerente ao gênero em análise.

As relações interdiscursivas, no entanto, também se manifestam de outra forma. Na análise do *corpus* desta pesquisa, observou-se que o discurso da ficha topográfica relaciona-se explícita ou implicitamente com o discurso de outros textos consultados para prepará-la.

Um objeto passa a pertencer ao universo museológico através de quatro formas: *compra*, em que é feito um recibo, com o objetivo de registrar formalmente a aquisição do objeto; *doação*, no qual um doador cede ao MHAM o direito de expor e manter em seu acervo a peça doada; *transferência*

(algumas peças são transferidas de outras instituições para o MHAM) e *contrato de comodato* – o contrato pelo qual alguém entrega a outra pessoa coisa infungível para ser usada temporariamente e depois restituída, ou seja, é um empréstimo gratuito de coisas não-fungíveis, que se realiza com a tradição do objeto.

Essas quatro formas de aquisição de um objeto podem

manifestar-se na superfície discursiva das fichas topográficas. Nas fichas da categoria sobre indumentária, não há uma menção explícita ao discurso de outro documento que comprove o seu modo de aquisição. Existem, no entanto, marcas que denunciam o discurso do contrato de comodato como forma de aquisição do MHAM, conforme a Fig. 4 demonstra.

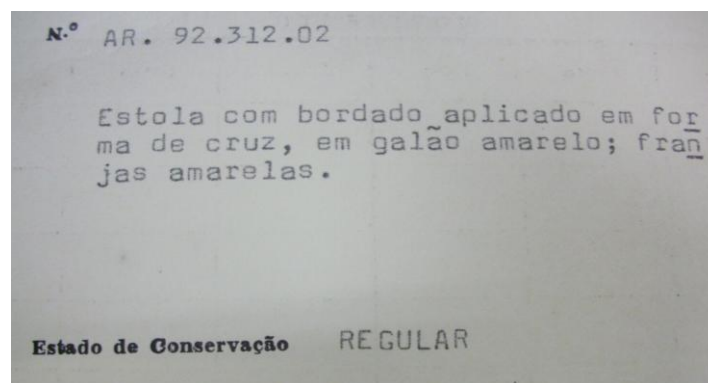


Figura 4: Ficha topográfica de nº AR. 92.312.02
Fonte: Museu Histórico e Artístico do Maranhão

Na parte superior esquerdo dessa ficha, nota-se que a sigla AR precede a sua numeração de identificação dentro do contexto museológico. As peças, por sua vez, que admitem em suas fichas essa sigla têm como interdiscurso o contrato de comodato com a Arquidiocese de São Luís, ou seja, embora esteja implícito, o discurso do contrato de comodato está representado, denunciado por marcas na própria superfície da ficha topográfica.

Dessa forma, pode-se afirmar que a ficha topográfica sobre indumentária, no que se refere ao modo de aquisição, estabelece um diálogo implícito com o discurso de outro gênero do domínio museológico – o contrato de comodato –, ratificando as teias interdiscursivas que configuram os seus processos de significação. Em outras palavras, o discurso da ficha documental apresenta-se como uma só voz, porém essa voz é resultante de

outras já existentes, neste caso, o contrato de comodato.

CONCLUSÃO

Este artigo possibilitou, ao se adentrar o universo museológico, investigar o funcionamento do gênero ficha topográfica. Cada peça transcrita corresponde a uma análise sobre sua história, produção e consumo, contextualizando passado e presente. Observou-se, ainda, o diálogo estabelecido entre os diversos tipos de documentos, que fornecem informações a outros gêneros, uma vez que, sendo eventos comunicativos, os gêneros veiculam informações que podem vir de outros lugares particulares, de outros textos/discursos: todo discurso é precedido por/ responde a discursos anteriores e é seguido por outros discursos.

A noção de interdiscursividade, da presença contínua de outros discursos em determinado discurso, leva a reflexão a respeito da individualidade e da coletividade em termos de criação. Entende-se que a interdiscursividade pressupõe um universo cultural muito amplo e complexo, pois implica na identificação, no reconhecimento de remissões a discursos mais ou menos conhecidos, além de exigir do interlocutor um conhecimento prévio (a

memória discursiva) para a compreensão da mensagem.

Este artigo, portanto, além de aplicar as importantes orientações da Análise do Discurso, contribui para a valorização da cultura maranhense materializada em fichas documentais no Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Confirma-se, sobretudo, que a instituição museológica é, sem dúvida, uma importante agência sócio-histórica de informação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Sobre a noção de interdiscursividade. In: **Introdução à análise do discurso**. 7 ed. São Paulo: Unicamp, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2 ed. rev. e atual. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU, 4., RECIFE. **Trabalho apresentado**. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991. Disponível em <<http://www.crnti.edu.uy/02cursos/ferrez.doc>>. Acesso em: 10 de abril de 2010.

FIORIN, José Luiz. Teoria e metodologia nos estudos discursivos de tradição francesa. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; VIEIRA, Josênia Antunes (Orgs.). **Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos**. Brasília: Editora Plano, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008b.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 2008.

_____. **O que é lingüística**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.